

Anthony Giddens, *Modernity and Self-Identity — Self and Society in the Late Modern Age*, Cambridge, Polity Press, 1991, 256 p.

“As transformações na identidade pessoal e a globalização, quero propôr, são os dois pólos da dialéctica do local e do global nas condições da modernidade avançada. As mudanças nos aspectos íntimos da vida pessoal, por outras palavras, estão directamente ligadas ao estabelecimento de relações sociais de vasta extensão. (...) o nível de distanciação espaço-temporal introduzido pela modernidade avançada é tão extensivo que, pela primeira vez na história humana o “eu” e a “sociedade” estão inter-relacionados num contexto global.” (p. 32)

Neste livro, Giddens prolonga as propostas que vem desenvolvendo desde “As Consequências da Modernidade” focalizando agora a sua atenção no território do Eu, da Identidade Pessoal e da Intimidade. A relação estreita, e de sentido biunívoco, entre mudanças no plano global e mudanças no plano pessoal, ilustrada na epígrafe, pode ser reforçada com outra ideia convergente. O que distingue as sociedades tradicionais das modernas é, não só o dinamismo das instituições e a forma como se rompem hábitos e tradições, a dimensão extensiva das transformações, como o forte impacto que estas mudanças têm sobre a vida pessoal e íntima. E neste plano trata-se de efeitos profundos, sugerindo-se mesmo a emergência de novos mecanismos de constituição da identidade que traduzem a dimensão “intensiva” dessas transformações nas sociedades pós-tradicionais. Global e identidade pessoal, extensividade e intensividade constituem ainda pólos que interagem activamente - o que ocorre no plano do eu e da identidade pessoal é susceptível de interferir no plano social mais geral, e vice-versa.

O objectivo deste livro de Giddens é a análise do desenvolvimento das interconexões entre os dois pólos referidos. Neste sentido, a argumentação desenvolve-se, no

que ao global diz respeito, a partir de propostas teóricas feitas no livro já citado. Quanto às transformações que afectam o eu e a intimidade, as propostas do autor, agora mais especificadas, servem-se duma leitura interpretativa de resultados de pesquisas, de ensaios e de publicações que lidam com problemáticas da intimidade que vão dos divórcios aos amores, dos dilemas existenciais às terapias. Resulta desta análise a caracterização do eu e da identidade pessoal nas sociedades contemporâneas e a tentativa de definir os contornos das suas características distintivas, por comparação com as sociedades tradicionais. Trata-se assim, e mais do que de uma tese, de um conjunto de argumentos que se constroem em torno de algumas ideias centrais. Entre elas a ideia da emergência de novos mecanismos da identidade pessoal que são constituídos — e também constituem — as instituições da modernidade; na sequência desta, a ideia de que a identidade pessoal se torna um projecto reflexivo. O projecto reflexivo do eu é definido como: “a defesa coerente, embora em revisão permanente, de narrativas biográficas, num contexto de escolha múltipla filtrada por sistemas abstractos”.

Subjacente ou explicitamente encontra-se toda a discussão sobre o individualismo, a pós-modernidade, a complexidade e a diferenciação das sociedades contemporâneas, para a qual Giddens contribui com um ponto de vista próprio, demarcando-se das propostas pós-modernistas e da tese da diferenciação de Luhmann.

Faz sentido lembrar, ainda que de forma bem sumária, o que o autor considera serem os elementos configurantes da modernidade. É desta caracterização que parte para a construção dos argumentos que sustentam as suas posições sobre o eu e a identidade pessoal. Para os menos íntimos

aconselha-se a leitura de "As Consequências da Modernidade".

A separação do tempo e do espaço, que se associa à descontextualização das relações sociais, contribui para explicar o facto de, nas sociedades de modernidade avançada, as relações sociais deixarem de ser pautadas por códigos normativos rígidos e localizados. O terceiro elemento configurante da modernidade avançada, a reflexividade institucionalizada, garante, por outro lado, que o uso do conhecimento sobre a vida social se torne um elemento constitutivo da sua própria organização e transformação. Por outras palavras, e necessariamente simplificando, das práticas pautadas pela tradição e pelo hábito passa-se a uma ordem normativa que confere maior margem de opção aos indivíduos através do uso da reflexividade. Este processo não ocorre, obviamente, fora do contexto dos dilemas existenciais e dos problemas específicos da nossa época que o autor procura também identificar.

A existência das Ciências Sociais e o seu papel nas sociedades contemporâneas distingue estas, de forma radical, das sociedades tradicionais. Os saberes dessas ciências vão sendo incorporados no plano institucional e através da mediação dos diferentes "peritos" (sociólogos, economistas, psicólogos, etc) têm efeitos directos e indirectos na vida social e individual. Os media contribuem também para esta integração de informação. Acontecimentos fisicamente distantes tornam-se próximos, inúmeras indicações sobre modos de agir nos planos social e nos planos mais íntimos são divulgados de forma generalizada. Do espectáculo da guerra à explicitação das artes de bem ser e fazer na intimidade a informação circula e, selectivamente incorporada, vai passando a constituir um elemento de construção da realidade social e individual.

Para descrever o processo de interferência da reflexividade institucionalizada na identidade pessoal Giddens socorre-se de diversos exemplos. A pesquisa sobre o

divórcio "Second Chances" de Judith Wallerstein e Sandra Blakeslee, em que a ruptura conjugal é analisada como "uma crise individual ameaçadora da segurança e do bem estar dos indivíduos mas também possibilitadora de novas oportunidades para o desenvolvimento pessoal e a felicidade futura" (p. 10), é considerada por Giddens ilustrativa. Há, com efeito, momentos de viragem (*fateful moments*) em que a identidade pessoal, voluntária ou involuntariamente, é posta em causa (Quem sou eu, o que quero fazer da minha vida ?) e em que os mecanismos da reflexividade são usados para o ajuste ou reconstrução da identidade pessoal. São momentos em que hoje está normativamente legitimada a opção, opção essa cujos resultados encerram sempre, no entanto, uma margem de risco. O desempenho de novos papéis na sequência, por exemplo, da ruptura conjugal, como é o caso dos novos padrastos e madrastas, é também indicado como o sinal da reinvenção de normas sociais para práticas diferentes do passado, hoje ainda insuficientemente padronizadas. O já difundido recurso à terapia é também analisado por Giddens como um sinal da utilização da reflexividade ao serviço da reconstrução da identidade pessoal. Os inúmeros manuais de conselhos para a melhoria da auto-imagem, da auto-estima e da auto-ajuda, são referidos como exemplo e um deles é mesmo analisado com pormenor.

O contexto cognitivo e normativo da emergência destes novos mecanismos é também essencial, contudo, para analisar os seus efeitos e a sua extensão. Na modernidade as certezas da tradição e do hábito, características da sociedade tradicional, não foram substituídas pelas certezas do conhecimento racional. A dúvida radical, princípio que atravessa o campo científico e que se traduz na assumpção de que todo o conhecimento toma a forma de hipótese, tem efeitos muito para além do estrito campo do conhecimento científico e assume uma dimensão existencial. O facto de os

"peritos" (desde os cientistas aos médicos) poderem defender teses diferentes sobre o mesmo objecto ou a mesma realidade, assumindo a provisoriabilidade dos seus conhecimentos, aumenta a margem de opção dos indivíduos. Mas, em contraponto, acrescenta incertezas e potencia o risco. O contexto de construção reflexiva da identidade pessoal, na modernidade avançada, garante uma pluralidade de opções e de estilos de vida mas é também um estranho e intrigante puzzle.

Num cenário de descontextualização das relações sociais e de mediação através de sistemas abstractos, a confiança, entendida aqui no sentido psicanalítico de "confiança básica", é, na óptica de Giddens, particularmente importante para a segurança ontológica dos indivíduos. A modernidade, e particularmente a modernidade avançada — Giddens não é muito preciso no uso de um ou outro conceito — é ainda caracterizada por uma "cultura do risco", em que à maior possibilidade de escolha se contrapõe sempre, o problema da falta de segurança na obtenção das finalidades desejadas. Embora o "risco" não seja específico às sociedades modernas, o que o distingue das tradicionais é o facto dos indivíduos, e da humanidade em geral, enfrentarem perigos completamente desconhecidos das gerações anteriores, de que é exemplo a possibilidade de destruição do Planeta. As ansiedades existenciais estão assim ligadas quer aos próprios contextos pessoais, às atribulações do eu, quer ao contexto social global.

Apoiando-se sempre na complementaridade entre global e individual Giddens defende que no plano individual se desencadeou uma "transformação da intimidade". A emergência do que ele considera ser a "*pure relationship*" - tendo em conta a especificação do conceito feita pelo autor optou-se pelo uso da expressão em português "relação auto-referenciada" - ocupa um lugar central neste processo de transformação da intimidade. A ideia fundamental aqui é de que as relações íntimas

(conjugais ou não) deixam de ser pautadas por referentes externos. Isto é, é a própria dinâmica interna das relações e os benefícios que dela retiram os envolvidos que estabelece a sua continuidade. Como deixam de prevalecer critérios externos - descendência, dever ou obrigação - as relações, que se pretendam continuadas, tendem a ser reflexivamente controladas com base nos critérios internos do compromisso e da confiança. O que não deixa de as tornar mais vulneráveis. Quer devido às transformações e transições dos parceiros, e dos contextos, quer devido às contradições intrínsecas a este tipo de relação - pede-se mais partilha mas também mais autonomia, deseja-se intimidade e abertura mas também preservação do espaço pessoal.

A problemática da intimidade é aqui encarada numa perspectiva diferente da de Lash ou Sennett. Giddens considera que estes autores ao defenderem a ideia do "casulo protector" em que os indivíduos se encerram, afastando-se do espaço público, e colocando-se numa atitude defensiva e narcisista, não caracteriza adequadamente as tendências de comportamento do eu nas sociedades contemporânea. Apesar da relação auto-referenciada poder representar também um casulo protector face às "agressões exteriores", os indivíduos estão sempre em contextos de relação mais vastos e conseguem organizar estratégias e desempenhar papéis activos. Por outro lado, novamente aqui a relação entre experiência individual e sistemas abstractos permite que os indivíduos tenham disponíveis meios de actualização, ou de aumento de "competências", através dos processos da própria consciência reflexiva ou através da reflexividade institucionalizada e da mediação dos "peritos".

Subjacente a esta formulação da emergência da relação auto-referenciada está, argumenta Giddens, a profunda transformação no campo dos direitos das mulheres, que de certa maneira a torna possível. Em "*The Transformation of Intimacy* —

Sexuality, Love and Eroticism", livro publicado posteriormente ao que vem sendo recenseado, este e outros argumentos referentes à intimidade são mais desenvolvidos.

Outra dimensão da intimidade que torna visível, na óptica de Giddens, a articulação entre reflexividade do eu e a influência dos sistemas abstractos nas sociedades da modernidade avançada, pode ser observada na atitude face ao corpo. O corpo cada vez menos é um dado da natureza que se aceita como limite e é cada vez mais reflexivamente investido ou mobilizado. Exemplo deste investimento são os regimes dietéticos e a procura de um corpo "adequado" ou a imagens dos media ou à noção de vida saudável (noções variáveis sujeitas a modismos ou a versões contraditórias dos "peritos"). Outro exemplo que demonstra a intervenção da reflexividade do eu parece evidente na opção homossexual - a identidade sexual impõe-se ao biológico. Por outro lado ainda, os progressos da engenharia genética atestam que a reprodução deixou de assentar apenas na natureza.

Os dilemas e as atribuições do eu nas sociedades contemporâneas são ainda caracterizados pelo que Giddens chama o "sequestro da experiência". Dissolvendo-se os critérios normativos externos - natureza, deus, tradição - passa-se a critérios normativos internos às próprias instituições da modernidade. A "falta de sentido pessoal" pode tornar-se um problema psíquico característico das sociedades da modernidade avançada. É que as questões morais continuam a colocar-se no quotidiano sem que haja uma resposta convincente para elas. Neste sentido, o "isolamento existencial" consiste menos na separação entre indivíduos do que na separação destes em relação aos recursos morais necessários para uma vida plana e satisfatória.

Mas, e com esta proposta Giddens termina o seu livro, há sinais de um contramovimento no sentido de recolocar, no plano individual e no plano global, as ques-

tões existenciais e morais que têm sido excluídas da modernidade. Exemplos desse movimento são as preocupações ecológicas, a procura de critérios de qualidade de vida que fazem parte, entre outros, de uma perspectiva emancipatória que vem novamente colocar o problema do sentido da nossa existência individual e colectiva. Este livro de Giddens constitui uma aventura difícil. A entrada no domínio da intimidade faz-se pelo cruzamento de perspectivas que vão desde a sociologia e a filosofia à psicanálise, convergências estas que exigem, para terem sucesso, para além do mais, grande domínio dos instrumentos conceptuais das diferentes áreas do saber. É possível assim que Giddens possa ser criticado pela velocidade com que por vezes passa por análises como a de Foucault, ou com que se passeia por Freud, como de resto já acontecia em *"The Constitution of Society"*. Mas de facto é a capacidade de síntese de ideias tidas e bem desenvolvidas por outros, que tem sido sempre considerada como um dos grandes méritos do autor. Neste espírito vale bem a pena ler este livro. Além das propostas substantivas são sugeridas pistas de leitura de investigações sobre as intimidades contemporâneas e de alguns livros que provavelmente nunca iriam constituir nossos objectos de leitura. Ao contrário do que vem sendo seu hábito, Giddens baseia-se num conjunto de pesquisas, ensaios, e até receituários de bem ser e fazer, realizados recentemente. Este material é analisado como se tratasse de um grande texto cheio de sinais sobre a vida pessoal e invisível dos contemporâneos, em relação ao qual o autor lança o seu olhar atento. Claro que os olhos, e as lentes teóricas, essas são as suas.

Anália Cardoso Torres

Nota: *Modernity and Self-Identity* está a ser traduzido, para publicação, por Celta Editora.

Livros Citados:

GIDDENS, Anthony, *The Constitution of Society*, Cambridge, Polity Press, 1984.

GIDDENS, Anthony, *As Consequências da Modernidade*, Oeiras, Celta Editora, 1992.

GIDDENS, Anthony, *The Transformation of Intimacy - Sexuality, Love and Eroticism in Modern Societies*, Cambridge, Polity Press, 1992.

WALLERSTEIN, Judith and BLAKESLEE, Sandra, *Second Chances*, London, Bantam, 1989